

## TEMPORAIS-CONDICIONAIS: CONSTRUÇÕES PREDITIVAS\*

Flávia Bezerra de Menezes Hirata VALE (UFG)<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho, apresenta-se uma análise de construções temporais no português escrito do Brasil que podem receber uma interpretação condicional. Assume-se, com Dancygier (1998), que a conjunção *quando* pode ser interpretada como condicional porque, assim como o *se*, introduz uma assunção que ajuda a fazer predições. Acredita-se que as construções temporais com valor condicional podem ser comparadas às construções condicionais preditivas. Nesses casos, as construções temporais recebem uma interpretação habitual, que é motivada pelos diferentes tipos de correlação modo-temporal utilizados nessas construções. Defende-se, ainda, a existência de uma relação estreita entre as correlações modo-temporais que manifestam a habitualidade e o seu valor aspectual.

**ABSTRACT:** The aim of this paper is to analyse some temporal constructions in Brazilian Portuguese which may receive a conditional interpretation. One assumes, with Dancygier (1998), that the conjunction *when* may be interpreted as conditional because, as *if* does, it introduces an assumption that helps making predictions. One believes that temporal constructions with conditional value may be compared to predictive conditional constructions. In these cases, the temporal construction receives a habitual interpretation which is motivated by the different modal-temporal correlations used in these constructions. One defends, also, the existence of a close relation between the modal-temporal correlations that express habituality and their aspectual value.

### 1. Introdução

Vários são os trabalhos nas mais diversas línguas que atestam a possibilidade de uma leitura condicional das orações subordinadas adverbiais temporais. Dancygier e Sweetser (2000), por exemplo, consideram que o *se* e o *quando* têm funções similares porque marcam o fundo para o que se diz na oração principal. A escolha por uma construção ou outra dependeria da atitude epistêmica do falante, ou seja, com o *quando* o falante compromete-se com a realidade do espaço descrito, o que não acontece com as orações com *se*. Pode-se notar, no estudo da língua em uso, que há certas construções temporais “ambíguas”, em que não se pode definir esse grau de comprometimento, uma vez que os contextos em que ocorrem são marcados pela não-definitude, ou, nas palavras de Dancygier (1998), pela eventualidade.

Neste trabalho, apresenta-se uma análise de construções temporais no português escrito do Brasil que podem receber uma interpretação condicional. Assume-se, com Dancygier (1998), que a conjunção *quando* pode ser interpretada como condicional porque, assim como o *se*, introduz uma assunção que ajuda a fazer predições. Nesse sentido, pode-se dizer que as construções temporais com valor condicional podem ser comparadas às construções condicionais preditivas, em que se prediz que a situação na oração-apódose está condicionada ao preenchimento da situação expressa na oração-prótase.

Nesses casos, a construção temporal recebe uma interpretação habitual, que é motivada pelos diferentes tipos de correlação modo-temporal utilizados, que coincidem com aqueles usados nas condicionais preditivas. Além disso, defende-se a existência de uma relação estreita entre as correlações modo-temporais que manifestam a habitualidade e o seu valor aspectual. Castilho (2002, p. 90) afirma que não se pode fazer uma descrição aspectual dos verbos se não se levar em conta como eles vêm flexionados. Para o autor, o imperfeito simples e o presente favorecem a emergência do imperfectivo, ou seja, das formas que têm sua constituição interna ressaltada. Pode-se dizer, por fim, que é na análise da língua em uso que se apreende a dinamicidade da constituição discursiva, uma vez que as diferentes possibilidades de expressão do valor condicional só se revelam na interação.

---

\* Este trabalho é parte da tese de doutorado intitulada *A expressão da condicionalidade no português escrito do Brasil: contínuo semântico-pragmático*, defendida em outubro de 2005, na UNESP – Campus de Araraquara, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Helena de Moura Neves.

<sup>1</sup> E-mail da autora: fbmhvale@gmail.com

## 2. A interpretação condicional de construções temporais: diferentes perspectivas

As possibilidades teóricas de mostrar como o valor condicional pode ser realizado por meio de uma oração temporal são muitas. De uma maneira geral, todos os autores concordam em que a diferença entre condicionais e temporais diz respeito ao grau de certeza ou incerteza que essas construções codificam. As condicionais marcariam a incerteza do falante em relação ao conteúdo expresso na proposição, enquanto as temporais indicariam a certeza do falante acerca desse conteúdo. Assim, faz-se necessário descrever esses contextos de ocorrência de orações que “formalmente” são temporais, porque apresentam a conjunção subordinativa *quando*, mas que pragmaticamente são entendidas como condicionais.

Para Traugott (1985), a relação entre orações condicionais e temporais se manifesta no desenvolvimento histórico dos conectivos condicionais, uma vez que muitos desses conectivos são formados a partir de fontes lexicais temporais. É o que acontece em muitas línguas em que itens lexicais usados para expressar a noção temporal de duração (por algum tempo), ou itens como o conectivo *quando*, que são ambíguos entre os significados durativo e não-durativo, podem ser considerados como fontes lexicais para a formação de marcas de condicionalidade. Traugott (1985) afirma, ainda, que muitas vezes o *when* recebe uma leitura *whenever*, e, nesses casos, pode haver uma interpretação condicional, o que também ocorre se se usa o imperfeito na oração núcleo.

Declerck e Reed (2001) também apresentam algumas considerações importantes sobre as diferentes possibilidades de leitura das orações temporais. Os autores afirmam que *se* e *quando* diferem porque *quando* implica factuality, o que não acontece com *se*. Entretanto, há casos em que o *quando* não desencadeia um entendimento factual, como se vê no exemplo seguinte, que deve ter, segundo Declerck e Reed (2001), uma interpretação condicional:

- (1) There's never a dull moment in mealtime *when* you use Heinz Pickles. (DECLERCK e REED, 2001, p. 32)

Nunca há um momento sombrio na refeição *quando* você usa Heinz Pickles.

Para Dancygier (1998), existe a possibilidade de se chegar à leitura condicional de uma construção temporal porque é possível encontrar nessa construção as mesmas características de uma condicional preditiva. Assim, nas condicionais preditivas todos os tipos de ordenação são possíveis (anteposição e posposição), mas existe um tipo que é o mais comum e que reflete a ordenação icônica da sequência de eventos: o evento que ocorreu antes é mencionado antes, e deve ser entendido como a causa do evento que ocorreu depois. Essa é a moldura típica de um raciocínio preditivo, o mesmo que ocorre em uma construção temporal-condicional.

Schwenter (1999) mostra que todos os tipos de condicionais (SWEETSER, 1990) implicam a perfeição condicional, e não apenas as condicionais de conteúdo, chamadas por Dancygier (1998) de preditivas, que são construções em que se prediz que a situação na apódose está condicionada ao preenchimento da situação expressa na prótase. As predições são atualizadas preferencialmente por meio de construções no futuro, que são mais ou menos incertas. Sendo assim, há sempre a possibilidade de que o estado de coisas alternativo, o inverso daquele que foi introduzido na prótase, aconteça. Schwenter (1999) apresenta alguns bons exemplos de condicionais epistêmicas e de atos de fala que também podem ser analisadas por meio da perfeição condicional, e assim, sugere que

como evocam uma situação alternativa, as predições dão origem à perfeição condicional, mas a perfeição condicional não é restrita a condicionais que atualizam predições, como fica claro em exemplos como “Se você não precisa de dinheiro, deixe seu emprego”, porque não-predições podem também evocar alternativas para P. (...) A importância de situações alternativas para a perfeição condicional deveria agora estar clara: apenas aquelas condicionais que levam à possibilidade de imaginar uma situação alternativa em que P não acontece são candidatas à implicatura. (SCHWENTER, 1999, p. 93)<sup>2</sup>

---

2 To the extent that that they evoke an alternative situation, predictions give rise to conditional perfection, but conditional perfection is not RESTRICTED [grifo do autor] to conditionals that carry out predictions, as examples like If you don't need the money, quit your job make clear, because non-predictions can also evoke alternatives to P.(...) The importance of alternative situations for conditional perfection should now be clear: only those conditionals that lead one to the possibility of imagining an alternative situation in which P does not hold are candidates to implicature.

Para Braga (1999), a congruência entre tempo e condição não deve causar estranheza. A categoria de tempo seria básica, e embora suas marcas sejam fontes para diversos processos de gramaticalização, ainda fica em aberto a possibilidade de estar em curso no português do Brasil a gramaticalização tempo>condição. Para Braga (1999), o aspecto imperfectivo é que garante uma leitura de recorrência e, principalmente, de condição.

Por fim, Neves (2000) considera que algumas combinações de predicções com relação temporal efetuadas pelo *quando* favorecem uma leitura condicional, com algumas nuances distintas. Segundo a autora, são, particularmente, construções que envolvem simultaneidade e que trazem o aspecto imperfectivo.

Não se pode negar, a partir do que foi exposto, que existe uma relação próxima entre orações condicionais e temporais. A explicação para essa possibilidade de interpretação condicional de uma construção temporal pode ser dada em termos pragmáticos, sintáticos e semânticos.

Pragmaticamente, a explicação relaciona-se com as implicaturas conversacionais (SCHWENTER, 1999). Invoca-se, nesse sentido, Levinson (1995), para quem a importância dessas implicaturas reside no fato de que a associação entre expressões linguísticas e inferências tem uma certa previsibilidade que torna possível o reconhecimento de padrões, por exemplo, nos processos de gramaticalização e subjetivização.

Além disso, existem fatores formais, como tempo e aspecto, que podem ter influência na interpretação condicional das construções temporais. Como se viu acima, Traugott (1985) considera que as construções com a conjunção *quando* que expressam duração podem ser interpretadas como condicionais. Embora Traugott (1985) adote uma perspectiva diacrônica para explicar a aproximação entre construções temporais e condicionais, acredita-se que a questão da duração também pode explicar, sincronicamente, a razão de haver construções temporais-condicionais.

A duração, no sentido usado por Traugott (1985) liga-se, sem dúvida, à noção de aspecto, uma noção que, de uma maneira geral, é pouco explorada nas gramáticas do português do Brasil. Pode-se dizer que poucas são as gramáticas do português do Brasil que tratam da expressão do tempo nas condicionais, tal como fazem, por exemplo Said Ali (1964) e Neves (2000), que descrevem a variedade de tempos e modos verbais que realizam as condicionais. Não se encontram nem mesmo os esquemas temporais clássicos, que dão conta da distinção entre condicionais reais, eventuais e irrealis. O mesmo pode ser dito em relação à expressão do aspecto nas orações condicionais. De fato, pode-se dizer que isso não seja absolutamente necessário na caracterização das condicionais. O problema é que alguns autores têm, recentemente, notado uma aproximação entre orações condicionais e temporais, que se deve a um determinado valor aspectual, o de duração, que confere às temporais uma interpretação condicional (TRAUGOTT 1985, DANCYGIER 1998, BRAGA 1998, 1999, NEVES 2000, CASTILHO, 2002).

Neste trabalho, assume-se que a duração a que se refere Traugott (1985) está ligada ao fato de que uma situação pode ou não ter a sua constituição temporal interna ressaltada. É o tipo de duração que, segundo Comrie (1976) está implícita na definição de perfectividade/imperfectividade. Em Dik (1989), encontra-se essa noção no traço semântico [+/- momentâneo] que é pertinente ao traço [+/- télico], que indicará a duração ou não de um EC télico ou atélico. Acredita-se que, quando uma construção temporal recebe uma interpretação condicional, isso se deve ao fato de que nessa construção se usam verbos cuja constituição temporal interna é ressaltada. As situações em que as construções temporais podem receber uma leitura condicional refletem esse caráter durativo, já que expressam a habitualidade.

Neves (2000) mostra que as construções temporais que expressam a condicionalidade são construções que envolvem a simultaneidade, uma vez que os estados de coisas da oração-prótase e da oração apódose são simultâneos. Elas podem indicar a habitualidade, que por sua vez, pode implicar a iteração.

Castilho (2002) também analisa esse tipo de situação. O autor não menciona a habitualidade, mas os exemplos que ele apresenta indicam que se trata desse uso das construções temporais. Confira-se (CASTILHO, 2002, p. 113):

- (2) quando é que o aluno utiliza ou trabalha naquela categoria conhecimento? *quando* ele evoca... *quando* ele enumera... *quando* ele... (EF-POA-291:84) [grifos meus]
- (2a) quando é que o aluno utiliza ou trabalha naquela categoria conhecimento? *se* ele evoca... *se* ele enumera... *se* ele...

- (3) prende-se ao fato de os autores dizem que *quando* o aluno interpreta ele já faz um exame na interpretação já há uma uma subdivisão já há um processo seria melhor dito já há um processo de análise já há um exame *quando* ele identifica a aplicação ele já separa o essencial do acessório (EF-POA-278:266) [grifos meus]
- (3a) prende-se ao fato de os autores dizem que *se* o aluno interpreta ele já faz um exame na interpretação já há uma uma subdivisão já há um processo seria melhor dito já há um processo de análise já há um exame *se* ele identifica a aplicação ele já separa o essencial do acessório.

Pode-se chegar, nesses casos, à seguinte interpretação: o aluno trabalha de uma determinada maneira sempre que ele evoca, enumera. Ou então: o aluno sempre que interpreta, faz um exame na interpretação. Para Castilho (2002), esses casos têm uma interpretação iterativa, que está vinculada a um padrão sentencial e estabelece a quantificação do verbo.

De fato, há nos exemplos apresentados por Castilho (2002) algo que parece ser repetitivo, como convém aos enunciados iterativos. Entretanto, acredita-se que nesses exemplos também é possível perceber uma idéia de algo que é freqüente, o que faz com que se postule a existência de um valor habitual-iterativo.

Em resumo, pode-se dizer que a relação entre condicionais e temporais se estabelece porque nessas construções se exprime a habitualidade, a recorrência dos estados de coisas nelas envolvidos. Segundo Neves (2000), a habitualidade pode, normalmente, ser expressa pelo presente do indicativo ou pelo pretérito imperfeito do indicativo, o que deve ser verificado na análise dos dados, que se apresenta a seguir.

### 3. Análise dos dados

O *corpus* deste trabalho compõe-se de textos escritos do português do Brasil, de cinco diferentes tipos de literatura: dramática, técnica, romanesca, oratória e jornalística. Os textos jornalísticos foram coletados no jornal Folha de São Paulo, edições de 1994 a 1998. Os demais textos foram coletados no Laboratório do Centro de Estudos Lexicográficos da UNESP – *Campus* de Araraquara, que mantém um banco de dados de textos escritos nos últimos cinquenta anos. Foram encontradas no *corpus* consultado 79 ocorrências de construções temporais que podem receber uma interpretação condicional, o que evidencia que o uso de construções temporais para expressar o valor condicional é bastante produtivo no português do Brasil.

Como se observou anteriormente, um dos argumentos mais utilizados para distinguir construções temporais de construções condicionais relaciona-se ao grau de (in)certeza que o falante manifesta por meio delas. Pragmaticamente, entretanto, essa diferença não se sustenta, uma vez que há contextos em que o *quando* pode implicar incerteza e, não, certeza. É o que se pode perceber na seguinte ocorrência:

- (4) Nossos meios de comunicação foram fundamentais para a redemocratização e têm sido básicos para a recuperação da moralidade na vida pública. Agora eles têm reservado um papel central na mobilização de todos para uma sociedade mais justa e melhor. Mantendo sempre a independência crítica e a paixão pela veracidade da informação. *Quando* os brasileiros puderem ser mais informados, *quando* puderem ser mais críticos das políticas postas em prática do que do folclore dos fatos diversos da vida cotidiana, *quando* puderem pôr mais em perspectiva os acontecimentos e cobrar mais a coerência da ação do que fazer julgamentos de intenção, mais capacitados vão estar para o exercício da cidadania. (FER-LO)

Nessa ocorrência, o falante descreve um momento hipotético futuro, em que os brasileiros terão acesso aos meios de comunicação, que os tornará aptos a exercer a sua cidadania. Não se pode dizer que nesses casos se manifesta o comprometimento do falante em relação ao conteúdo que está sendo veiculado. Infere-se, das construções com *quando* a incerteza, e, desse modo, a interpretação a que se chega é condicional:

- (4a) *Se* os brasileiros puderem ser mais informados, *se* puderem ser mais críticos das políticas postas em prática do que do folclore dos fatos diversos da vida cotidiana, *se* puderem pôr mais em perspectiva os acontecimentos e cobrar mais a coerência da ação do que fazer julgamentos de intenção, mais capacitados vão estar para o exercício da cidadania.

Na próxima ocorrência, forma-se um contexto de eventualidade, por meio das construções com *se* e

das construções interrogativas, que fazem com que oração temporal implique incerteza:

- (5) *se não há uma coisa para ser cultuada, se o homem é um aglomerado em processo, por que se apegar a ele? Por que tanta vaidade, egoísmo, etc? Por que tanta violência para manter, preservar, ter cada vez mais os bens que esse amontoado acumula? Veja bem que não é uma atitude de abandono perante a vida, até pelo contrário. Quando se vê isso, se conscientiza de que a vida é bem mais fácil do que a imaginamos. (BUD-LT)*
- (5a) *Se se vê isso, se conscientiza de que a vida é bem mais fácil do que a imaginamos.*

Percebe-se que os conceitos de certeza e incerteza não podem ser usados como critério de diferenciação entre construções temporais e condicionais, uma vez que, dependendo do contexto de uso, a construção temporal pode implicar incerteza.

Nesses casos, acredita-se que se convencionaliza o valor condicional, que passa a coexistir com o valor temporal. Há um processo de aumento da informatividade, que é metonímico (HOPPER e TRAUGOTT, 1991) e, por conseguinte, não há substituição de um valor por outro, pelo menos nesse estágio do processo.

Como o valor condicional está convencionalizado nas construções temporais, ou seja, como ele pode ser inferido pragmaticamente, essas construções podem ser consideradas como mais subjetivas, na medida em que a condicionalidade remete a um campo hipotético, o que não se dá com as construções que expressam temporalidade.

Vários fatores podem ser considerados como motivadores da interpretação condicional de construções temporais, que também se relacionam com os contextos de uso dessas construções. Como se disse anteriormente, quando são usadas para expressar a habitualidade, as construções temporais podem ser interpretadas como condicionais. Para Visconti (2003), na expressão da habitualidade em construções temporais dois conjuntos de eventualidades coocorrem ou coocorreram de maneira regular, o que se pode perceber por meio do uso de determinadas configurações aspectuais e temporais, que são basicamente as mesmas utilizadas nas construções condicionais preditivas (DANCYGIER, 1998).

No exame do *corpus* utilizado neste trabalho, a maioria das construções temporais encontra-se no presente do indicativo e no pretérito imperfeito do indicativo, como previsto por Neves (2000):

- (6) *Quando um homem como Antônio Carlos Magalhães chama a atenção para esse aspecto de corrupção, é importante que fiquemos atentos; inclusive é um aviso interno para dentro do nosso Governo. Muitos pensam que, pelo fato de Collor ter sido afastado, a CPI terminou; o Presidente Itamar Franco assumiu a Presidência, tudo terminou. Não, não terminou. Esse é um processo lento e constante de fiscalização. (SI-LO)*
- (6a) *Se um homem como Antônio Carlos Magalhães chama a atenção para esse aspecto de corrupção, é importante que fiquemos atentos; inclusive é um aviso interno para dentro do nosso Governo.*
- (7) *Quando o espaço disponível é pequeno, um mesmo compartimento é permanentemente redefinido em função da sessão que abriga. Os centros maiores dispõem geralmente de aposentos exclusivos para cada tipo de sessão. (ESI-LT)*
- (7a) *Se o espaço disponível é pequeno, um mesmo compartimento é permanentemente redefinido em função da sessão que abriga.*
- (8) *Sabe, Virgínia, na beira do rio há uma árvore enorme, os galhos mais baixos quase tocam a superfície da água. A gente então se dependura neles e fica com os pés na correnteza, mas isso quando Frau Herta está longe porque senão ela tem um ataque, nunca vi ninguém com mais medo de se afogar, parece Alice. (CP-LR)*
- (8a) *A gente então se dependura neles e fica com os pés na correnteza, mas isso se Frau Herta está longe porque senão ela tem um ataque, nunca vi ninguém com mais medo de se afogar, parece Alice.*

- (9) C: Pois é! Acho que o meu filho está pensando igualzinho você! Um noivado de anos, desde que a moça era uma menina - foi por água abaixo! *Quando* se pensa muito, acaba-se não casando! (FEL-LD)
- (9a) *Se* se pensa muito, acaba-se não casando!
- (10) Qualquer político concorda com o resultado da consulta. O grande problema é que nenhum veste a carapuça. Ao contrário. *Quando* são questionados a respeito de soluções, todos dizem, com a maior cara-de-pau, que estão investindo - “ao contrário do meu antecessor”- e que vão fazer uma revolução. Os sistemas de saúde e educacional não funcionam. Não é que não funcionam como deveriam funcionar em um país que se imagina às portas do Primeiro Mundo. Não funcionam para padrões de Terceiro Mundo. (FSP/95)
- (10a) *Se* são questionados a respeito de soluções, todos dizem, com a maior cara-de-pau, que estão investindo - “ao contrário do meu antecessor”- e que vão fazer uma revolução.

Em todas essas ocorrências, os verbos das construções temporais estão no presente do indicativo. Nesses casos, o falante usa a construção temporal para expressar a habitualidade, a recorrência do estado de coisas codificado na oração-prótase. A construção temporal mostra um evento que sempre acontece em algumas circunstâncias, e por isso pode ser interpretada como satisfação da condicionalidade, ou seja, a situação que se prediz na oração-apódose está condicionada ao preenchimento da situação expressa na oração-prótase:

- (6b) Sempre que um homem como Antônio Carlos Magalhães chama a atenção para esse aspecto de corrupção, é importante que fiquemos atentos; inclusive é um aviso interno para dentro do nosso Governo.
- (7b) Sempre que o espaço disponível é pequeno, um mesmo compartimento é permanentemente redefinido em função da sessão que abriga.
- (8b) A gente então se dependura neles e fica com os pés na correnteza, mas isso sempre que Frau Herta está longe porque senão ela tem um ataque, nunca vi ninguém com mais medo de se afogar, parece Alice.
- (9b) Sempre que se pensa muito, acaba-se não casando!
- (10b) Sempre que são questionados a respeito de soluções, todos dizem, com a maior cara-de-pau, que estão investindo - “ao contrário do meu antecessor”- e que vão fazer uma revolução.

Há no corpus, inclusive, ocorrências como a que se transcreve em seguida, em que se vê após a construção temporal uma outra oração iniciada por *sempre que*:

- (11) *Quando*, pois, se enceta uma ação contra determinada categoria social, não com base em princípios definidos ou em fatos concretos e comprovados, mas com fundamento em doutrinas vagamente humanitárias e acusações imprecisas, excitando os espíritos à detestação pura e simples da classe em vista, podemos ter certeza de que há nessa campanha o ódio característico dos comunistas, ainda que seus promotores não se confessem tais. *Sempre que* uma campanha se reveste desse cunho de oposição fanática e incondicional contra uma classe determinada, há nela dedo comunista e a colaboração que se dê a semelhante movimento é, no fundo, uma colaboração para o triunfo do comunismo.(MA-LO)
- (11a) *Se*, pois, se enceta uma ação contra determinada categoria social, não com base em princípios definidos ou em fatos concretos e comprovados

O mesmo pode ser dito das construções temporais no pretérito imperfeito do indicativo, que também indicam a habitualidade, como se vê nas ocorrências seguintes:

- (12) *Quando* me determinava a fechar os olhos, os restos de personalidade se atropelavam, fugiam, no fervedouro interno se agitavam confusões, a brasa do cigarro esmorecia, findava. Um sobressalto: necessário riscar outro fósforo. (MEC-LR)
- (12a) *Se* me determinava a fechar os olhos, os restos de personalidade se atropelavam, fugiam, no fervedouro interno se agitavam confusões, a brasa do cigarro esmorecia, findava. Um sobressalto: necessário riscar outro fósforo.
- (13) Ocorre que no cadinho já havia enxofre, proveniente de minerais sulfurosos, e nitratos provenientes do salitre empregado em algumas etapas do processo alquímico. *Quando* o alquimista adicionava um ácido orgânico, tipo ácido benzóico acrescentava carbono a sua "sopa" e a união dos três componentes é uma aritmética já conhecida: enxofre + salitre + carbono = pólvora! Que facilmente poderia ir pelos ares com o aquecimento mais forte. Talvez a pólvora tenha sido descoberta dessa forma. (ALQ-LT)
- (13a) *Se* o alquimista adicionava um ácido orgânico, tipo ácido benzóico acrescentava carbono a sua "sopa" e a união dos três componentes é uma aritmética já conhecida: enxofre + salitre + carbono = pólvora!

Há, ainda, os casos em que as construções temporais expressam um valor iterativo, como proposto por Neves (2000) e Castilho (2002). Nesses casos, há uma situação que sempre ocorre, mas isso se dá de forma repetitiva, porque é possível perceber que existe uma certa quantificação:

- (14) O copeiro, de nome Severino, um jovem humilde de vinte e dois anos, aceitava o tratamento ríspido que o senador lhe dispensava sem reclamar. O salário que recebia e as gorjetas que ganhava *quando* o senador estava de bom humor ajudavam a sustentar a mãe viúva e os oito irmãos menores que haviam ficado em Caruaru, Pernambuco. (AGO-LT)
- (14a) O salário que recebia e as gorjetas que ganhava *se* o senador estava de bom humor ajudavam a sustentar a mãe viúva e os oito irmãos menores que haviam ficado em Caruaru, Pernambuco.
- (15) Eu dizia desta tribuna com relação ao ex-Presidente Fernando Collor de Mello. Ninguém pode acusá-lo se as coisas estão acontecendo. A culpa não é dele. Ninguém pode culpar o prefeito, o ministro, o governador se as coisas acontecem. Podem culpá-los *quando*, ao tomar conhecimento de que as coisas ocorreram, não tomaram providencias no sentido da busca da responsabilidade. (SI-LO)
- (15a) Podem culpá-los *se*, ao tomar conhecimento de que as coisas ocorreram, não tomaram providencias no sentido da busca da responsabilidade.

Nessas ocorrências, encontra-se uma situação que se repete habitualmente, mas isso se dá em determinadas ocasiões. Acredita-se, então, que este seja um caso do que se chamou de habitual-iterativo:

- (14b) O salário que recebia e as gorjetas que ganhava nas ocasiões em que o senador estava de bom humor ajudavam a sustentar a mãe viúva e os oito irmãos menores que haviam ficado em Caruaru, Pernambuco.
- (15b) Podem culpá-los nas ocasiões em que, ao tomar conhecimento de que as coisas ocorreram, não tomaram providencias no sentido da busca da responsabilidade.

A habitualidade também decorre de um valor aspectual, a duração, já que quando a situação é descrita como habitual usam-se verbos que podem ter sua constituição temporal interna ressaltada.

Sem dúvida, existe uma relação muito estreita entre as correlações modo-temporais que manifestam a habitualidade e o seu valor aspectual. Nesse sentido, Castilho (2002, p. 90) afirma que não se pode fazer uma

descrição aspectual dos verbos se não se levar em conta como eles vêm flexionados. Para o autor, o imperfeito simples e o presente favorecem a emergência do imperfectivo, ou seja, das formas que têm sua constituição interna ressaltada. E são exatamente essas as correlações modo-temporais as mais recorrentes no corpus deste trabalho.

#### 4. Conclusões

Neste trabalho, procurou-se fazer uma discussão acerca das construções temporais em um plano discursivo, que vai além das considerações da lógica.

As construções temporais têm valor condicional quando expressam a habitualidade, que decorre de um valor aspectual, a duração. Os tempos verbais mais usados na interpretação habitual ou habitual-iterativa das construções temporal-condicional são o presente e o imperfeito do indicativo. Esses tempos verbais favorecem o imperfectivo, uma vez que suas constituições temporais internas são ressaltadas. Essas configurações aspectuais e temporais são basicamente as mesmas utilizadas nas construções condicionais preditivas, segundo o que propõe Dancygier (1998), o que permite concluir que as construções temporais com interpretação condicional funcionam como as condicionais preditivas.

Além disso, pode-se dizer que também no português as construções temporais recebem uma interpretação condicional quando são usadas com o sentido de “sempre que”, como foi mostrado por Traugott (1985) para o inglês e por Visconti (2003) para o italiano.

#### 5. Referências bibliográficas

BRAGA, Maria Luíza. As orações de tempo sob uma perspectiva funcionalista. In: ALVES, Ieda Maria, GOLDSTEIN, Norma, RODRIGUES, Angela. (orgs.) *I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa*. São Paulo: Humanitas, p. 97-108, 1998.

BRAGA, Maria Luíza. Os enunciados de tempo no português falado no Brasil. In: NEVES, Maria Helena de Moura. (Org). *Gramática do português falado*. Novos estudos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da UNICAMP, p. 443-459, 1999.

CASTILHO, Ataliba. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, Maria Bernadete M., RODRIGUES, Angela C. S. (Orgs.) *Gramática do português falado*. Novos estudos descritivos. vol.VIII. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 83-121, 2002.

COMRIE, Bernard. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976. 141p.

DANCYGIER, Barbara. *Conditionals and prediction*. Time, knowledge and causation in conditional constructions. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge Studies in Linguistics, v. 87, 1998. 214p.

DANCYGIER, Barbara, SWEETSER, Eve. Constructions with if, since and because: causality, epistemic stance and clause order. In: COUPER-KUHLEN, Elizabeth, KORTMANN, Bernd (Eds). *Cause, concession, contrast, condition*. Cognitive and discourse perspectives. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, p. 111-142, 2000.

DECLERCK, Renaat, REED, Susan. *Conditionals: a comprehensive empirical analysis*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2001, 536p.

DIK, Simon. *The theory of functional grammar*. Part 1. Dordrecht: Foris, 1989, 433p.

HIRATA-VALE, Flávia Bezerra de Menezes. *A expressão da condicionalidade no português escrito do Brasil: contínuo semântico pragmático*. Tese. (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras – UNESP. 2005. 160 p.

HOPPER, Paul, TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. 256p.

LEVINSON, Stephen. Three levels of meaning. In: PALMER, F. R. (Ed.). *Grammar and meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 90-115, 1995.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000. 1037p.

SAID ALI, Manoel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3a ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

375p.

SCHWENTER, Scott. *The pragmatics of conditional marking. Implicature, scalarity and exclusivity*. NewYork/London: Garland Publishing, 1999. 265p.

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics*. Metaphorical and cultural aspects of semantic structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. 174p.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Conditional markers. In: HAIMAN, John. (ed.) *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, p. 289-307, 1985.

VISCONTI, Jacqueline. From temporal to conditional: Italian *qualora* vs. English *whenever*. In: JASZCZOLT, Katarzyna e TURNER, Ken (Eds.). *Meaning through language contrast*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 23-50, 2003.